



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LUANA DE VASCONCELOS MOURA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO E O OFÍCIO
DO PROFESSOR COMO NARRADOR**

**GUARABIRA
2019**

LUANA DE VASCONCELOS MOURA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO E O OFÍCIO
DO PROFESSOR COMO NARRADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em História.

Orientação: Prof^a. Ms^a. Naiara Ferraz Bandeira Alves.

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M929e Moura, Luana de Vasconcelos.
Estágio supervisionado e o ofício do professor como narrador [manuscrito] / Luana de Vasconcelos Moura. - 2019.
20 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Naiara Ferraz Bandeira Alves , Departamento de História - CH."
1. Narrativa. 2. Memória. 3. Estágio supervisionado. I.
Título
21. ed. CDD 371.225

LUANA DE VASCONCELOS MOURA

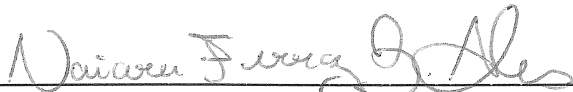
ESTÁGIO SUPERVISIONADO E O OFÍCIO
DO PROFESSOR COMO NARRADOR


Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Graduação em História da Universidade
Estadual da Paraíba em cumprimento às
exigências para a obtenção do título de
graduada em Licenciatura Plena em
História.

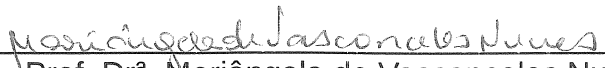
Orientação: Prof^a. Ms. Naiara Ferraz
Bandeira Alves.

Aprovada em: 10/06/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof^a. Ms^a. Naiara Ferraz Bandeira Alves (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr^a. Simone da Silva Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr^a. Mariângela de Vasconcelos Nunes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha irmã, Luênya Vasconcelos, e à minha mãe, Severina Vasconcelos, pelos cuidados, carinho e apoio, DEDICO.

“A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a *sua* memória.”

ECLÉA BOSI

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	7
2.	IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR COMO NARRADOR.....	7
3.	MEMORIAL.....	9
4.	EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO: FAZENDO-ME PROFESSORA.....	12
4.1.	Primeira experiência: observação.....	14
4.2.	Segunda experiência: regência.....	16
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
	REFERÊNCIAS.....	19

ESTÁGIO SUPERVISIONADO E O OFÍCIO DO PROFESSOR COMO NARRADOR

SUPERVISED STAGE AND THE OFFICE OF THE TEACHER AS A NARRATOR

Luana de Vasconcelos Moura¹

RESUMO

O presente artigo visa primeiramente tratar a sala de aula como objeto de investigação sob a ótica norteadora da narrativa, adotando o método de narrar como um ofício do professor, em especial do professor de História, que tem como encargo o intercâmbio de experiências com a construção e organização de suas narrativas. Em um segundo momento, considerando-se a ideia do professor como narrador, o artigo apresenta fragmentos de memória de minha vida estudantil, seguindo em pauta o estágio supervisionado, trazendo relatos das experiências de observação e regência.

Palavras-chave: Narrativa. Memória. Estágio supervisionado.

ABSTRACT

The present article aims first to treat the classroom as an object of investigation under the guiding principle of the narrative, adopting the method of narrating as an office of the teacher, especially of the History teacher, whose task is the exchange of experiences with the construction and organization of their narratives. In a second moment, considering the teacher's idea as narrator, the article presents fragments of memory from my student life, following the supervised stage, bringing reports of the experiences of observation and regency.

Keywords: Narrative. Memory. Supervised stage.

¹Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. E-mail: luana-rjd@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, sob o título de *Estágio supervisionado e o ofício do professor como narrador*, trago os relatos de minha vida estudantil, objetivando expor acontecimentos significativos da trajetória como estudante, professora e acadêmica em História, no intuito de mostrar a importância do professor sob o domínio de um de seus vários ofícios: narrar.

O presente trabalho surgiu a partir das inquietações provocadas pelo estágio supervisionado. Este me fez refletir e problematizar questões como as que tento trazer e abordar nas páginas seguintes. Com isso tornou-se possível a elaboração deste artigo, que consiste no trabalho final do Curso de História.

Para tanto, o texto divide-se em três partes principais. A primeira, “Importância do professor como narrador”, trata a narrativa como produto histórico-social, captado, produzido e organizado pelo professor, tendo ele que, fundamentalmente, não produzir uma ciência histórica da aparência, mas evidenciar a profundidade que emana da forma como se narra as experiências e vivências histórico-sociais, e nesse caso, em sala de aula.

Na segunda parte, o “Memorial”, apresento fragmentos de memória de minha vida estudantil, dos anos de alfabetização à experiência no Curso de Licenciatura em História, enfatizando a importância dos acontecimentos mais significativos.

Na terceira e última parte, “Fazendo-me professora”, descrevo o desenrolar do meu estágio, onde abordo as experiências de observação e de regência, trazendo pontos de reflexão ao narrar o tirocínio em si, de estar em sala de aula pela primeira vez como professora.

2. IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR COMO NARRADOR

Para além das discussões teóricas, existem as práticas de ensino, e aqui do ensino de História. A experiência em sala de aula, além de proporcionar a interação face a face, desenvolve habilidades do professor preocupado em ensinar o assunto ao alunado, ciente de que certa especificidade não se adquire, desenvolve-se através do constante exercício da atividade de lecionar.

Como é de conhecimento da comunidade acadêmica que se dedica aos estudos de História, vistos sob variadas vias de análise, os eventos históricos e suas respectivas narrativas no âmbito do ensino, para o professor, mostram-se de fundamental importância. A História possibilita conhecer e entender melhor aspectos que moveram e ainda hoje movem a sociedade, por meio narrativo.

A narrativa referida aqui não diz respeito apenas à presente em livros, mas também àquela experienciada nas vivências sociais, nas quais o ambiente escolar cotidianamente a expressa em suas especificidades. Apostando na sala de aula como objeto de pesquisa, faz-se possível potencializar desdobramentos na forma de análise e investigação no ensino de História.

Por mais familiar que seja o seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais. [...] uma experiência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiência (BENJAMIN, 1989: 197-198).

Quando buscamos compreender a sociedade pela ótica responsável da História, percebe-se que a narrativa está a produzir deslocamentos espacial e temporal. Há momentos em que a mesma aparece de uma determinada forma e, noutros, de modo significativamente distinto da anterior. Isso não tira o valor que decorre do ato de narrar, mas cristaliza a potencialidade de seu desenvolver, superando qualquer estaticidade.

O professor está continuamente envolvido numa tentativa de lidar com o conhecimento. Mas como lidar com as dificuldades e limitações com as quais diariamente um profissional da educação se depara? Se reinventando? Repensando práticas de ensino? Esses são pontos importantes para pensar o narrador atualmente, buscando maneiras de trazer o alunado para dentro das narrativas, desvelando preconceitos estabelecidos nessa relação que se acentua mais e mais referente à informação.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele foi de fato”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento do perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar da tradição ao conformismo, que deseja apoderar-se dela. [...] o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer (HOBSBAWM, 1996: 156).

Temos aqui o professor como alguém que investiu muito tempo de dedicação à leitura, horas gastas a fio para possibilitar uma aula que influa nos alunos uma experiência significativa nas suas vivências, produtora do deslocamento que objetiva o crescimento, ou seja, temos o professor como indivíduo que possui o poder da narrativa. Essa, por sua vez, tem seu fluxo próprio, diferente da informação que não tem interesse algum em transmitir a História, informação essa sem narrativa. E, assim, o ofício do professor de História com a arte de narrar e tecer intercâmbio, em outras palavras, acentua o conhecimento em suas aulas, deixando claro que narrar é intercambiar experiências; e isso só se encontra no narrador.

Por fim, o professor aparece como lapidador que refaz e repensa inúmeras vezes os temas para proporcionar a seus alunos uma boa experiência com as narrativas, possibilitando um aprendizado eficaz. Esse processo é artesanal e processual, é trabalhar a matéria-prima da experiência.

O próprio Leskov considerava essa arte artesanal – a narrativa – como um ofício manual. “A literatura”, diz ele em uma carta, “não é para mim uma arte, mas um trabalho manual”. Não admira que ele tenha sido ligado ao trabalho manual e estranho à técnica industrial (BENJAMIN, 1989: 205-206).

Esse pequeno trecho retirado do livro *Magia e técnica, arte e política* sinaliza bem, pois a arte está vinculada à experiência social e, sobretudo, percebe a narrativa como patrimônio da humanidade. Narrar é um ato social, produzido e desenvolvido historicamente em seus contextos e singularidades. Nesse sentido, tudo se mostra como um desafio, principalmente na sociedade “moderna”, em que ensino e educação entram no *looping*² da precarização. Mas, cabe ressaltar, a arte de narrar é humana, e ela não cessa enquanto existir vida humana.

3. MEMORIAL

Iniciei meus estudos aos quatro anos de idade, em uma escola particular que ficava próxima à casa em que minha família e eu residíamos na época. Estudei lá por todo o Ensino Fundamental I, que até então chamava-se Primário. O Educandário Sonho Meu possuía uma boa reputação de instituição de ensino competente, e de fato o era, principalmente se comparado à outra instituição de ensino que havia no bairro, que era pública e sofria de superlotação.

Durante essa etapa de minha vida estudantil, tive alguns bloqueios psicológicos, que contribuíram para uma dificuldade de aprendizado. Sofri *bullying*³ por ser “branca demais”, em um colégio predominantemente constituído por pessoas negras, incluindo professoras, funcionárias, diretora e alunado.

Eu achava horrível frequentar as aulas, sempre chorava para não ir; e, uma vez estando lá, chorava para voltar para casa. Por causa dessa experiência de rejeição, tornei-me uma criança introvertida e não tirava boas notas. Nesse contexto, eu não descobrira ainda o quanto é prazeroso o aprendizado. Estudar era um fardo, e tudo piorou quando, além de sofrer preconceito por parte dos colegas de sala, passei a sofrê-lo também por parte de uma professora.

Naquele período, o *bullying*, que ainda não tinha recebido essa designação, era tão comum quanto é hoje, porém os olhos dos pais e educadores ainda não haviam se voltado para o problema, que em muitos casos é o determinante de bloqueios educacionais, psicológicos e sociais, como ocorreu no meu caso. Tive meu rendimento escolar totalmente comprometido, e a interação com as pessoas

² Repetição automática de uma ocorrência; andar em círculos.

³ Prática de atos violentos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas. O termo surgiu a partir do inglês *bully*, palavra que significa “tirano”, “brigão” ou “valentão”, na tradução para o português.

tornou-se algo muito difícil durante toda minha infância e início da adolescência. Reforçando essa ideia, temos as considerações de Alencar e Taille:

[...] destruir o auto respeito, e, portanto, acabar tornando inviável a construção do respeito entre as pessoas, consequências igualmente prejudiciais tanto ao desenvolvimento de crianças e adolescentes quanto aos relacionamentos interindividuais e sociais (ALENCAR; TAILLE, 2007: 220).

No geral, sofri agressão física e psicológica, mas, vendo tudo isso através da perspectiva atual, penso que o ocorrido me fez alguém mais esforçada e, principalmente, não me tornou preconceituosa. No fim das contas, nem tudo foi desagradável, houve pontos positivos. Tive boas professoras e, o mais importante, uma base de estudos, que contribuiu muito para os meus anos de vida escolar posteriores.

Por fim, o Fundamental I⁴ terminara e, agora com 12 anos de idade, eu iniciaria uma nova fase, o Ensino Fundamental II⁵, em uma nova escola, que era pública e longe de casa, o Centro Educacional Osmar de Aquino. Estudei lá durante quatro anos, porém tive o desprazer de reprovar o 6º ano duas vezes; em parte, por me sentir ainda afetada pelos bloqueios adquiridos nos anos anteriores, mas também por uma quase inexistente vontade de estudar.

O ambiente escolar não me agradava, eu ainda me sentia desconfortável ali, e fazia de tudo para não frequentá-lo. Por faltar às aulas, fui reprovada em diversos componentes curriculares, o que viria novamente a acontecer no ano seguinte. Agora, pela terceira vez seguida cursando o 6º ano, ao entrar na sala, no primeiro dia de aula, fiquei totalmente constrangida: eu era a mais velha de todos ali. Esse foi o primeiro choque de realidade que sofri e que gerou uma mudança de atitude de minha parte.

Naquele ano, eu me transformei: deixei a aluna mediana de lado e me converti numa estudante. Pude notar em mim mesma, tanto quanto mostrar aos demais, minha capacidade, sendo aprovada com as melhores notas. Tudo isso me rendeu uma grande transformação, e eu deixei de ser aquela menina introvertida e tímida, ganhando uma autoconfiança que se estendeu em todos os aspectos de minha vida, alimentada ao longo dos anos. Descobri com isso que, além de ser capaz, também sentia um grande prazer em estudar. E foi com todo esse entusiasmo que concluí os estudos, sem reprovar novamente.

No 8º ano, eu decidi transferir-me de colégio, indo para a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, que era bem próxima à minha residência, o que seria mais confortável em termos de deslocamento, evitando assim faltas e imprevistos, que infelizmente aconteciam na escola anterior, mesmo com toda minha dedicação. Nessa escola eu mantive a disciplina com os estudos e tive minha primeira aproximação com a História, apesar de ser um contato ainda superficial.

⁴ Período dividido em turmas de 1º a 5º ano, envolvendo alunos a partir de 3 anos de idade.

⁵ Período que compreende do 6º ao 9º ano, os alunos aprofundam os conhecimentos disciplinares e interdisciplinares mais específicos, introduzidos no Fundamental I.

Terminei o Ensino Fundamental II sem nenhum problema. Tive o prazer de aprender com excelentes professores, e a minha relação com a escola era muito agradável. Agora, já no 1º ano do Ensino Médio⁶, as coisas ganharam uma maior seriedade: comecei a receber aulas da professora Joseane Gomes⁷. Através dela pude sentir pela História um interesse até então desconhecido. Ela tinha o “domínio” das nossas atenções, não só da minha, mas da sala toda. Era possível sentir sua paixão por aquilo, um diferencial extremamente necessário para um professor, seja ele de qual for a área.

Nesse mesmo ano, especificamente no mês de novembro, fui escolhida pela coordenação da escola e pelos professores para participar de uma seleção de estágio da Caixa Econômica Federal⁸. Os melhores alunos do Ensino Médio de dois colégios foram escolhidos e encaminhados. A partir dessa seleção inicial, a agência da CEF⁹ de Guarabira encarregou-se de escolher quatro candidatos. Tive o prazer de ser uma das finalistas para o estágio, que teve duração de dois anos.

No ano seguinte, agora cursando o 2º ano do Ensino Médio, mantive-me na mesma escola, porém, dessa vez, no período noturno, por estar trabalhando nos turnos da manhã e da tarde. Essa foi uma experiência riquíssima, poder trabalhar na CEF me proporcionou diversos benefícios, como minha autonomia financeira. No entanto, também pude observar a limitação do ensino noturno.

Apesar de ter tido a sorte de estudar com os mesmos professores da manhã, eles não podiam ensinar os mesmos conteúdos, devido o tempo e as ocupações que aqueles alunos tinham durante o dia. Em sua maioria eram pessoas acima de 25 anos de idade e que já tinha família e trabalho. Se eu não tivesse a necessidade de estudar à noite, eu jamais estaria ali. Os professores, por conhecerem meu potencial, sempre me passavam leituras para incrementar o conteúdo, o que me foi de grande valia.

Naquele mesmo ano, minha irmã, Luênya, iniciou os estudos na Universidade Estadual da Paraíba, e, não por coincidência, no Curso de Licenciatura Plena em História. Esse foi o principal motivo que me levou a optar pelo mesmo curso. Sempre que possível, eu assistia aulas na turma dela, e me encantei totalmente, em especial pelas aulas do professor Ruston Lemos de Barros¹⁰. Ali fiz minha escolha. Concluí o Ensino Médio e, sem tempo de estudar para o vestibular, por ainda estar trabalhando na CEF, fiz a prova apenas com meu conhecimento geral, com tudo que tinha aprendido na minha vida escolar. E fui feliz, pois obtive uma boa pontuação e ingressei no curso desejado.

⁶ Consiste na última etapa da educação básica no Brasil, tendo duração média de três anos e antecede o ingresso ao ensino superior.

⁷ Professora da rede municipal e estadual da cidade de Guarabira, formada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e com duas especializações na área.

⁸ Instituição financeira nacional, sob a forma de empresa pública, com patrimônio próprio e autonomia administrativa, que juntamente com o CIEE (Centro de Integração de Empresa-Escola) credencia estudantes do ensino médio para estágios remunerados, visando à experiência do primeiro emprego.

⁹ Abreviação para Caixa Econômica Federal.

¹⁰ Graduado pela Universidade Federal de Pernambuco (1970), mestrado pela Universidade Federal de Pernambuco (1983) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1990). Atualmente é professor/pesquisador aposentado da Universidade Estadual da Paraíba. Trabalhou principalmente os seguintes temas: Pré-História, História Antiga e Medieval e Metodologia da História.

Minha vida acadêmica iniciou-se aos meus 21 anos de idade. Eu me tornara universitária, e estava cheia de expectativas, que foram todas superadas. A universidade, muito distinta da escola, nos dá uma liberdade que permite tanto pensarmos por nós mesmos, como também abrange nosso âmbito intelectual. Os dois primeiros semestres foram de adaptação, muita leitura, gente nova e uma rotina totalmente diferente. Meu estágio na CEF havia terminado e, apesar de eu ter conseguido um emprego, optei por ser estudante em tempo integral.

No terceiro período, por motivos pessoais, decidi me afastar do Curso, mas sem nenhuma intenção de abandoná-lo definitivamente. E assim foi, voltei a me matricular. Agora com o ânimo renovado, segui em uma nova turma, a 2014.1. O companheirismo entre os colegas de sala me estimulou a concluir de forma muito prazerosa o Curso. Este, por sua vez, mexeu com todas as minhas ideias, me fez duvidar do que até então eu acreditava, mostrando-me uma História diferente, onde não existem verdades absolutas.

Chegando ao estágio, no sexto período do Curso, foi onde eu pude trabalhar a teoria que adquiri nas aulas e ao longo de tantas leituras, praticar o conhecimento aprendido. Não foi fácil, e por diversas vezes me senti desestimulada. A realidade do ensino me chocou. Primeiramente, pelo quanto regrediu desde que concluí o Ensino Médio, vindo eu de escola pública. Pude constatar que o ensino no Brasil vai de mal a pior. E, segundo, me chocou por causa da perspectiva nova, não mais de aluna, mas de professora, na qual pensar a educação mudara muito.

A experiência de observação e regência, nas oficinas de estágio, foi-me de grande importância, tanto para a relação teoria/prática como para iniciação docente da até então estudante de licenciatura. Tal experiência influenciou diretamente a elaboração do presente trabalho.

4. EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO: FAZENDO-ME PROFESSORA

A formação de professores tem sido um assunto muito discutido no meio acadêmico e científico brasileiro; são inúmeras as produções específicas a esta temática. Segundo Libâneo (2015), as crescentes discussões relativas à formação docente estão ganhando maior destaque no país devido a tendências existentes em todo o planeta. No contexto da formação de professores, um elemento que estimula mudanças, reflexões e melhorias concretas na prática profissional é o estágio supervisionado.

Este configura-se como um ambiente privilegiado para que os estudantes possam vivenciar as práticas pedagógicas de maneira que consigam melhor compreender a profissão docente. Enquanto parte de um processo de aprendizagem e formação, o estágio evidencia uma vivência partilhada entre alunos e professor. Levando em consideração o contexto em que se está inserido, existem percepções diferentes da disciplina e da narrativa. Na sala de aula percebemos variações na forma de narrar ou de interpretar e compreender os conteúdos trabalhados pelo expositor.

A contribuição do estágio supervisionado para a formação de professores tem sido alvo de muitos estudos. Estes revelam suas dificuldades e o seu potencial, gerando transformações na vida desses profissionais. O estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia a dia (PIMENTA; LIMA, 2004).

O estágio consistiu no primeiro contato com a sala de aula, não mais como aluna. Esse contato inicial é importante para aliar a teoria à prática e mostrar ao estudante de licenciatura o ambiente de trabalho, dando oportunidade de desenvolver a prática docente e iniciar a experiência como professor. Para o licenciando, o estágio é de suma importância, pois gera autoquestionamentos acerca da profissão.

Os professores como seres humanos se constroem em sociedade, ou seja, em ambientes sociais tais como em família, na Escola, na Universidade e, posteriormente, na Escola como profissionais; esta construção é permanente e acontece nas mais diversas relações sociais. Especialmente, no aspecto profissional onde fazer-se é inteiramente social e acima de tudo humanizador (AGOSTINI; PAIM, 2006: 189).

Em um primeiro momento, serão apresentadas as ressalvas feitas das aulas de História do professor Antônio José de Souza¹¹, que possui anos de experiência e é um profissional que luta com as limitações do sistema educacional público do país. O colégio Centro Educacional Edivardo Toscano, por sua vez, onde o estágio foi realizado, não recebe com frequência estudantes universitários, pois possui uma considerável quantidade de alunos com deficiência, retardatários e menores infratores que já foram expulsos de outras instituições de ensino.

Ele é relativamente pequeno e comporta um número reduzido de alunos, se comparado a outros colégios da cidade de Guarabira. Pareceu-me organizado na questão da inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais. Eles até contam com intérpretes de Libras¹², o que é muito importante e ainda não tão comum.

A respeito das aulas de História em si, foi possível, lamentavelmente, notar que não é um componente curricular apreciado, ao menos não pelos alunos do Ensino Fundamental II. Achei o professor esforçado, porém um pouco abatido pelas limitações. Sua metodologia de fato não é a mais adequada, mas se formos levar em consideração o ambiente escolar em que ele está inserido, essa é a forma mais aceita por parte dos alunos, que costumam interagir pouco e são dispersos. Ao serem estimulados com questionários ou gincanas, a atenção deles é de alguma forma atraída.

¹¹ Professor da rede municipal de Guarabira, historiador, bacharel em Direito e autor de livros como *O pássaro que come peixe*.

¹² É a sigla para Língua Brasileira de Sinais, um conjunto de formas gestuais utilizado por deficientes auditivos para a comunicação entre eles e outras pessoas, sejam elas surdas ou ouvintes.

A sala de aula é um espaço de reflexão, de contradição, de lutas, pois podemos observar diferentes ações, atitudes e posicionamentos que envolvem os dois principais atores presentes neste espaço: o aluno e o professor. Podemos perceber, em nossa prática cotidiana, que muitas vezes a aprendizagem de um determinado ponto do conteúdo ou o conteúdo em si, relacionado a uma disciplina, encontra-se marcado por uma série de dificuldades, que acabam acarretando problemas ao docente para ensiná-lo. Falta de motivação, de estrutura, cansaço, baixos salários, problemas de formação (docente e discente), entre tantos outros motivos (CAVALCANTI, 2013: 1-2).

Em seguida, trataremos das aulas lecionadas durante o estágio de regência, ministradas também no colégio Edivardo Toscano. Nessas aulas foi possível notar, de certa forma, uma interação maior por parte dos alunos. Talvez a ausência do formalismo habitual tenha feito o alunado se sentir mais à vontade para se expressar. E a metodologia que aplicamos foi outra.

O professor Antônio contribuiu nessas aulas, nos auxiliando e orientando da melhor forma possível. O alunado, por sua vez, apesar da timidez e falta de interesse, até conseguiu nos surpreender em alguns momentos. De modo geral, a regência foi bem conduzida. Porém, quando se está em uma universidade, acredita-se muito em fazer a diferença, em mudar a realidade, mas quando nos inserimos em uma sala de aula e deparamo-nos com tanta precariedade, o emocional do professor é inevitavelmente afetado.

O trabalho centrado na pessoa do professor e na sua experiência é particularmente relevante nos períodos de crise e de mudança, pois uma das fontes mais importantes de “stress” é o sentimento de que não se dominam as situações e os contextos de intervenção profissional (COLE; WALKER, 1989).

4.1. Primeira experiência: observação

O estágio de observação¹³ foi realizado entre o período de março a junho de 2017, e as aulas foram ministradas nas turmas de 9º ano A e B, no turno da tarde, pelo professor Antônio José de Souza, que possui muitos anos de experiência. A faixa etária dos alunos era de 12 a 15 anos, e as duas turmas possuíam alunos com deficiência auditiva, acompanhados de seus intérpretes. Já o número de alunos ficava entre 15 e 18 por sala, o que é uma contagem relativamente pequena. Muitos desses alunos já foram registrados como menores infratores, a maioria deles expulsa de outras instituições de ensino.

¹³ Consiste na fase inicial, onde, por meio da observação, o acadêmico reflete e se aproxima dos envolvidos na educação.

Foi possível observar vários pontos negativos, como a quase total falta de interesse por parte dos estudantes, como já foi dito. Também é importante salientar que o professor Antônio lida diariamente com a limitação de recursos, como, por exemplo, a pouca quantidade de livros didáticos, que prejudica muito o aproveitamento do tempo em sala de aula. Outro ponto importante diz respeito aos subterfúgios encontrados pelo professor para atrair a atenção dos alunos. As atividades em sala são voltadas a gincanas, caça-palavras e “brincadeiras” que envolvem História e conhecimentos gerais.

Num primeiro momento, pensei que aquela metodologia fugia dos padrões educacionais, por se tratar de turmas de 9º ano, tendo em vista que naquela época ainda existia de minha parte a ideia de um “método pronto” e exato; mas, após observar e analisar atentamente a situação, concluí que aquela fora a única saída encontrada para ministrar o conteúdo; do contrário, a presença do professor seria totalmente ignorada ali.

As aulas foram corridas e, por conta disso, insuficientemente proveitosas. Os temas trabalhados, pouco desenvolvidos, foram divididos da seguinte maneira: nas duas primeiras aulas a atividade deu-se em forma de gincana, que tratava de nomes de lugares famosos e de como foram batizados. Nessa ocasião, o livro didático não foi utilizado.

Nas aulas 3 e 4, acompanhadas do livro didático¹⁴, o assunto apresentado foi Revolução Industrial¹⁵, tratando do mundo industrializado e das definições de burguesia¹⁶ e proletariado¹⁷. Em seguida veio a explanação do professor. Logo após, utilizou-se de uma “brincadeira” para formar nomes de celebridades históricas.

Já nas aulas 5 e 6 o assunto foi Primeira Guerra Mundial¹⁸, tratando do conflito, a partir da saída da Rússia e a entrada dos Estados Unidos na guerra, até o então desfecho. O pós-guerra também foi explanado pelo professor. Os alunos copiaram, no caderno, algumas atividades do livro e, em seguida, participaram de um questionário sobre países, cidades e estados do Brasil e do mundo.

¹⁴ Projeto Araribá: História para 9º ano. Obra concedida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. Editora responsável: Maria Raquel Apolinário, 2017.

¹⁵ Revolução Industrial foi a transição para novos processos de manufatura no período entre 1760 e algum momento entre os anos de 1820 e 1840.

¹⁶ Segundo a teoria de Karl Marx, o termo denota a classe social que detém os meios de produção de riqueza, e cujas preocupações são a preservação da propriedade e do capital privados, a fim de garantir a sua supremacia econômica na sociedade, em detrimento do proletariado.

¹⁷ É um conceito usado para definir a classe oposta à classe capitalista. O proletário se compõe daqueles que não têm nenhum meio de vida além da sua força de trabalho (suas aptidões), vendida em troca da sobrevivência.

¹⁸ Primeira guerra do século XX e o primeiro conflito em estado de guerra total. Estendeu-se de 1914 a 1918 e foi resultado das transformações que aconteciam na Europa, as quais fizeram diferentes nações entrarem em choque.

Nas duas aulas posteriores o livro didático foi mais uma vez utilizado, e o assunto foi o Regime Nazista¹⁹ e os primeiros passos para os campos de extermínio²⁰. O texto abordava, muito brevemente, o tratamento recebido pelos deficientes físicos nos campos de concentração, onde sofriam castração e, em muitos casos, eutanásia.

Nas aulas 9 e 10 o professor falou sobre conflitos que ocorreram no território brasileiro e fora dele, deu exemplos e comentou um pouco sobre cada um. Em seguida elaborou um questionário referente ao assunto. E assim se deu o estágio de observação.

4.2. Segunda experiência: regência

No estágio de regência²¹, seríamos, nós alunos de Licenciatura em História, os responsáveis por lecionar. As atividades propostas foram desenvolvidas com base nos alunos, no que pudemos observar e no que o professor relatava dos mesmos. Existiu a preocupação de ensinar os conteúdos de forma didática, sem no entanto diminuir a importância da História, tendo o cuidado de não transformá-la em mera curiosidade, ressaltando sempre os fatos históricos.

O principal propósito dessas atividades era elucidar o assunto e transformar algo monótono, a ponto de provocar o interesse. Os temas trabalhados em sala foram sugeridos pelo professor, que seguia o roteiro de assuntos propostos pelo Ministério da Educação para o 9º ano, segundo o livro didático. Tendo em vista que o estágio foi realizado nos meses de outubro e novembro de 2017, os temas abordados foram mais complementares, pois em um momento anterior os mesmos já haviam sido trabalhados.

Assim, tivemos a preocupação de apresentar outras abordagens. Conhecendo a importância de abordar a História de modo mais analítico, buscamos tratar cada assunto de forma nova para os alunos, trazendo questionamentos e trabalhando com uma metodologia variante. Tentamos estimular a leitura e o interesse em aprender além da sala, dando dicas de filmes, documentários e artigos que tratavam daqueles temas. Na primeira aula, realizada no dia 20 de outubro, foram abordados os conflitos da Guerra do Vietnã²² e da Guerra da Coreia²³. Sendo estes assuntos de algum modo interligados, buscamos relacioná-los com o contexto da Guerra Fria²⁴.

¹⁹ Foi a ideologia criada e defendida pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. O Partido Nazista foi fundado em 1920 por Anton Drexler. Adolf Hitler assumiu a liderança do partido em 1921, mantendo-se no posto até sua morte, ao final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

²⁰ Projetados e construídos pela Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial para matar sistematicamente milhões de judeus, eslavos, comunistas e outros que os nazistas consideravam seres subumanos, principalmente em câmaras de gás, mas também em execuções em massa e através de trabalhos extremos em condições de fome.

²¹ É o momento de vivência da prática profissional, completando uma etapa do processo no qual o estagiário assume determinadas salas de aulas, sob a indicação, orientação, acompanhamento e avaliação do professor titular da disciplina.

²² Foi um conflito no Extremo Oriente da Ásia, na região denominada Indochina, logo após a Segunda Guerra Mundial. Ocorreu entre 1º de novembro de 1955 e 30 de abril de 1975, trazendo grandes consequências para a região.

²³ Consequência direta da divisão ideológica da Península da Coreia por Estados Unidos e União Soviética durante a Conferência de Postdam, em julho de 1945, essa guerra foi um conflito entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul, visto como uma das primeiras ocorrências da bipolarização que

Os temas da aula seguinte, realizada no dia 26 de outubro, foram racismo²⁵ em países como Estados Unidos, Brasil e África do Sul, e os atentados de 11 de setembro²⁶; temas trabalhados separadamente, buscando repensar características da contemporaneidade através de sua análise histórica.

Na aula realizada no dia 9 de novembro abordamos a Primeira Guerra do Golfo²⁷ e a Guerra do Iraque²⁸ (Segunda Guerra do Golfo). Por último, na aula do dia 16 de novembro, o tema foi globalização²⁹, mostrando a importância do conhecimento acerca do contexto em que vivemos, cada vez mais múltiplo e repleto de nuances.

Ao longo de todo o estágio de regência, buscamos trabalhar aulas expositivas dialogadas, com o uso de esquemas no quadro, perguntas breves e de fácil compreensão, com respostas rápidas, para que houvesse uma dinâmica. O livro didático foi utilizado como fonte secundária, e pequenas leituras foram estimuladas. A participação do alunado foi nosso maior obstáculo, sendo bastante reduzida e tímida. Seu baixo nível de instrução dificultou a boa qualidade das aulas, comprometendo o desenvolvimento dos assuntos. O uso de vídeos e documentários foi de grande utilidade, pois prendeu previamente a atenção dos alunos. Tabelas, com esquemas e mapas, também foram utilizadas.

A escolha de nossa metodologia baseou-se principalmente nas aulas que assistimos durante o estágio supervisionado de observação, que fora realizado no mesmo colégio. Ter um conhecimento prévio acerca da condição dos estudantes nos ajudou a elaborar planos de aula que seguissem um nível não muito distante da realidade deles.

Como dito acima, o livro foi utilizado como recurso didático, mas, além dos alunos não terem acesso a ele durante as aulas, evitamos nos prender a uma fonte única. Desse modo, buscamos outras referências para os conteúdos, através de pesquisas em sites confiáveis e de documentos trabalhados nas aulas pela Universidade.

caracterizou a Guerra Fria. Iniciou-se em 1950, quando a Coreia do Sul foi então invadida por tropas norte-coreanas com a intenção de unificar a península, e terminou em 1953, trazendo poucas mudanças de fronteira e mantendo a divisão e a rivalidade entre as Coreias.

²⁴ Foi uma disputa pela superioridade mundial entre Estados Unidos e União Soviética após a Segunda Guerra Mundial. Recebe esse nome por ter sido uma intensa guerra econômica, diplomática e ideológica travada pela conquista de zonas de influência. Dentro de seu contexto, houve conflitos como a Guerra da Coreia, a Guerra do Vietnã e a Guerra do Afeganistão (1979-1989). A Guerra Fria teve fim em 1991 com a desarticulação da União Soviética.

²⁵ Consiste no preconceito e na discriminação com base em percepções sociais que enfatizam as diferenças biológicas entre os povos.

²⁶ Foi uma série de ataques suicidas contra os Estados Unidos empreendida pela organização fundamentalista islâmica al-Qaeda. Os atentados ocorreram em 11 de setembro de 2001.

²⁷ Foi um conflito armado que começou em agosto de 1990, após as tropas iraquianas terem invadido o Kuwait. O motivo da invasão foi a insatisfação do Iraque em relação ao comércio de petróleo, onde saía no prejuízo pelo fato de o Kuwait estar vendendo o produto a preços muito baixos.

²⁸ Foi um conflito que começou no dia 20 de março de 2003 com o Iraque sendo invadido por uma coalizão militar multinacional liderada pelos Estados Unidos. Esta fase do conflito foi encerrada no dia 18 de dezembro de 2011 com a retirada das tropas americanas do território iraquiano após oito anos de ocupação.

²⁹ Processo de aproximação entre as diversas sociedades e nações existentes por todo o mundo, seja no âmbito econômico, social, cultural ou político.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta etapa do presente artigo, faz-se necessário enfatizar a importância do método autobiográfico, pois, mesmo este trabalho não sendo de fato uma autobiografia, utilizou-se muito desse recurso, trabalhando a reconstrução das lembranças das experiências como aluna e estudante de História. Existe uma grande dificuldade em falarmos de nós mesmos, porque isso exige que dominemos a nossa memória, que, por sua vez, é o mecanismo que nos permite trabalhar com as lembranças. De acordo com Bosi:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994: 55).

Problematizando a ideia do professor como narrador, viu-se neste artigo fragmentos de memória de minha vida estudantil, dos anos de alfabetização aos primeiros momentos como professora. A experiência em sala de aula levou-me a pensar estritamente nesses pontos aqui trabalhados e, a partir destes, concluir que a narrativa apresenta-se todos os dias em diversas formas e contextos sociais, e que a sua construção não depende apenas dos especialistas. No entanto, torna-se necessário um direcionamento dos fatos, de modo a organizar e possibilitar uma compreensão dos aspectos pelos quais as pessoas estão a chamar atenção às suas narrativas.

A sala de aula é onde se concentram vivências experienciadas pelo professor que busca compreender através de um exercício hermenêutico, conjecturando a compreensão dos fatos apresentados em contexto. O professor/historiador encontra-se constantemente em ambiente narrativo, cabe saber como utilizar e aprofundar as dimensões nas quais as narrativas se apresentam.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Sandra; PAIM, Elison Antonio. Estágio: contribuições para a formação do professor de história. *História & Ensino*, Londrina, v. 12, p. 187-202, ago. 2006.

ALENCAR, H. M. de; TAILLE, Y. de La. Humilhação: o desrespeito no rebaixamento moral. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.59, n.2, p.217-231, 2007.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de História. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas*, vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAVALCANTE, Márcia Teixeira. O ensino de História e a relação teoria/prática. In: *XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social*. Natal, 2013.

COLE, Martin; WALKER, Stephen (eds.). *Teaching and stress*. Milton Keynes: Open University Press, 1989.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOBSBAWM, Eric. Introdução. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LIBÂNIO, José Carlos. Formação de professores e didática para desenvolvimento humano. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 629-650, 2015.

PIMENTA, S.G.; LIMA, M.S.L. *Estágio e docência*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual da Paraíba, corpo docente, direção e administração. Todos em algum momento foram de grande importância ao longo desses mais de cinco anos de Curso.

À professora Naiara Ferraz, por aceitar, com todo bom humor, ser minha orientadora neste trabalho tão simplório.

Às minhas irmã, mãe e avó, respectivamente, Luênya Vasconcelos, Severina Vasconcelos e Lia Valério, pelo apoio em tudo, e à Loana Souza, pela amizade de mais de dez anos; sendo as quatro colaboradoras indiretas para o fechamento de mais esse ciclo em minha vida.

À Marry Ripper, minha amada gatinha de estimação, que me acompanhou nas madrugadas de estudo.

Ao Firmínio dos Hades, pelos bons momentos proporcionados.

Aos colegas e amigos que pude conquistar durante a minha estadia na UEPB, especialmente a Allan Marcus Cavalcante, que foi um companheiro de formação desde o primeiro período. Não deixando de citar Allan Emesson, Antônio Henrique, Aniele Oliveira, Yanna Soares, Francileide Rodrigues, José Thiago, Alex Douglas e Renata Padilha. Agradeço a todos.